

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 30

Data: 29.08.81 Pg.: \_\_\_\_\_

**“Núncio recebe carta da Funai contra religiosas”**

Sr. **190**  
 Em 12/08/81 este jornal publicou uma matéria “Núncio recebe carta da FUNAI contra religiosas” que merece alguns esclarecimentos. O presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, acusa as missionárias que trabalham com os Tapirapé de estar orientando os índios para que elas consigam anexar à reserva uma área da fazenda Tapiraguaiá, e informa ao núncio apostólico d. Carmine Rocco “que os índios Tapirapé vivem na foz do rio Tapiraguaiá, convivendo sem litígio com colonos que estão na região desde 1960”. O texto dá a impressão de que os índios somente passaram a reivindicar a área em litígio recentemente, o que é falso e de que as Irmãzinhas são recém-chegadas na comunidade quando na verdade conviveram com estes índios desde 1952. Os índios Tapirapé estão reagindo, atualmente porque a Funai tinha-se comprometido a terminar e homologar o processo de demarcação até julho de 1981 conforme a proposta dos Tapirapé.

A Funai também tinha prometido remover as treze famílias do cadete e que vivem em plena área indígena, inclusive com apoio da fazenda. A Funai alega que aumentou a área para 60.250 hectares, mas a área para a agricultura é pouca, na verdade uma boa parte da

reserva é constituída de varzões e cerrado e de mata alagável. Por outro lado, extremamente graves e injustas são as acusações dirigidas contra as missionárias. É de conhecimento público de que as Irmãzinhas de Jesus são em grande parte responsáveis pela sobrevivência e recuperação deste grupo indígena.

Já em 1953, o professor Herbert Baldus, do Museu Paulista, elogiava o trabalho discreto das missionárias. O professor Charles Wagley lhes dedica o seu último e magnífico livro “Welcome of Tears, The Tapirapé Indians of Central Brazil”. Em 1900 os Tapirapé eram 2.000 e hoje são menos de 200. Em 1953, com 51 indivíduos a sobrevivência do grupo era ainda muito precária. Morriam por doenças devido ao contato com as frentes de expansão. Sendo assim, os Tapirapé passaram a praticar o infanticídio sistemático. Diziam: “Não queremos ver a fome nos olhos de nossas crianças”. “Na minha opinião, comenta Charles Wagley, foi a chegada das Irmãzinhas de Jesus que salvou o grupo. Não fizeram nada de realmente heróico, intervinham o menos possível, pedindo, porém, que abandonassem a prática de infanticídio.

As missionárias também não possuíam poder para impedir as invasões das terras dos Tapirapé. Davam assistência médica e respeitavam as crenças

dos índios. Seguiam a ideologia do fundador da ordem, Charles da Foucault, isto é, manifestar a fé pelo exemplo, pela convivência. Viviam em casa de palha e plantavam sua própria roça. Devolveram aos índios um sentimento de orgulho com relação aos seus costumes.” Cabe acrescentar alguns dados demográficos. Em 1957, eram 57 índios; em 1979, eram 158. Nos últimos cinco anos, nasceram 30 crianças. Em 1979, não se registrou nenhuma morte. As Irmãzinhas dedicaram-se essencialmente à saúde e educação. Devem, porém, supor eu, compartilhar com os Tapirapé da esperança de que a comunidade indígena recupere suas terras e possam viver em paz. As Irmãzinhas deram amor e vida, cabe agora à Funai e ao governo garantir uma demarcação correta das terras que pertencem de pleno direito à comunidade Tapirapé. A cada um sua tarefa. **Lux Vidal** — Comissão Pró-Índio/São Paulo - Capital.

N. da R. Publicamos a carta da Comissão Pró-Índio de São Paulo, mas as restrições às informações contidas na notícia devem ser encaminhadas à Funai, pois este jornal limitou-se a transcrever trechos da carta enviada ao núncio apostólico pelo presidente do órgão.